

## Cruzada pela comunicação

WOLTON, Dominique.

*Il faut sauver la communication.*

Paris: Flammarion, 2005, 224 p.

por Clóvis de Barros Filho<sup>1</sup>

Título marcial. Bélico. Espalhado por quase toda a extensão da capa. Em tipografia de combate. Na primeira linha, tão-somente “é preciso”. Imperativo puro. Necessidade em estado bruto. Na segunda, o agir pretendido, virtuoso: “salvar”. Ao comando soma-se a urgência. Não há salvação sem ameaça. Sem perigo. O vermelho denuncia. Real que constringe o real. Encontro atual ou iminente. Num fluxo inexorável. Tempo que escoia para o próprio tempo. Deixar de ser em vista. Contingência do não ser. Ou ilusão azulada da permanência. Somente na terceira linha, o objeto do imperativo: salvar “a comunicação”.

Do que se trata? Se ela está por toda parte. Parece tão banal. Tão natural. Comunicar, esclarece o autor, pressupõe a relação. Pressupõe compartilhar. Um direito de todos, portanto. Uma espécie de “serviço público da vida”. Se ontem comunicar equivalia a informar, hoje implica um duplo desafio: aceitar o outro e defender sua própria identidade. Comunicar é *ser*, construir sua identidade e sua autonomia. Mas é também *fazer*: reconhecer a importância do outro. Ir ao seu encontro. Assumir os riscos da *incomunicação*. Para Wolton, trata-se da primeira lei da comunicação. A solidão como condição da existência e a necessidade de construir a coabitação. Daí a equação: comunicação = democracia = coabitação.

Eis a primeira bomba. Não há comunicação em ditaduras. A trajetória do autor legitima a heresia. Especialis-

<sup>1</sup> Professor da ECA-USP e do Núcleo de Pesquisa em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP.

ta em política comparada, este camaronês, residente no V *arrondissement* de Paris e formado no prestigioso Institut d'Études Politiques (IEP), dirige desde 1985 o programa de pesquisa sobre ciências da comunicação do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique) e desde 1989 a eclética revista *Hermès*. Intelectual midiático, especialista em comunicação política, mantém zelozamente um pé na ciência – e em seu campo de produção – e outro no objeto da ciência, por onde circulam os arautos da consagração para o grande público. Talvez por isso um elogio a esse último, em forma de livro.

Mas salvar a comunicação, num momento em que as relações intersubjetivas – graças à tecnologia – se desencilharam de quase todos os seus obstáculos? Para o autor, pura ilusão. Nova bomba para os encantados com computadores e celulares. “Aparências”, sentencia, com jeito de quem sabe estar surpreendendo a muitos e incomodando a muitos outros. Ao longo de 220 páginas demonstra a ambivalência da parafernália digital, “superpromovida como valor de mercado, mas não suficientemente como valor humanista e democrático”.

No momento em que o real imaginado da aldeia global parecia converter-se em real percebido – com correspondente redução de tiranias, controles de informação, mentiras, desigualdades –, a obra resenhada adverte: “os homens matam e mentem na transparência, como faziam antes na escuridão e no segredo”. Resta saber a que transparência Wolton se refere quando fala em comunicação: à objetividade do profissional de jornalismo, à casa de vidro dos relações-públicas ou às verdades do produto publicitário? Talvez estejamos mesmo precisando salvá-la.